
POLÍTICA



1 9 3 0

REDACTORES { *F. P. Dutra Faria* (F. L. U. L.)
 { *Domingos Mascarenhas e Silva* (F. D. U. L.)

ADMINISTRADORES { *Valentino de Sá* (F. M. U. L.)
 { *Francisco Galvão* (F. D. U. L.)

EDITOR - *Dr. Antonio Sousa Rego*

PROPRIEDADE — SOCIEDADE NACIONAL EDITORA, LTD.^a (Em organização)

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua do Sol a Santa Catarina, 40-A, 1.^o

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Tipografia Portugal — 14, Rua da Rosa, 16 — LISBOA

SUMARIO

Pina Manique e o seu tempo...	<i>Luis CHAVES</i>
A familia.	<i>Franz Paul LANGHANS</i>
Agua turvas.	<i>Fernando CAMPOS</i>
Da hereditariedade.	<i>Antonio M. do A. PYRRAIT</i>
Letras (Notas para um Idearum portuguez).	<i>Abrantes TAVARES</i>

ASSINATURAS

(Cada série de 10 numeros)

Continente e Ilhas.	10\$00
Provincias Ultramarinas	15\$00
Estrangeiro.	20\$00

Numero avulso 1\$50

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Política

REVISTA QUINZENAL

ORGÃO DAS JUNTAS ESCOLARES DE LISBOA E PORTO DO INTEGRALISMO LUSITANO

Redactor principal — Antonio do Amaral Pyrrait (F. D. U. L.)

Lisboa, 30 de Abril de 1930

PINA MANIQUE e o seu tempo

UMA figura curiosa e típica da reacção portuguesa contra os ventos de França, que espalhavam sobre a Europa cheia de pavor os chuveiros da borrasca revolucionária, foi a do Intendente Geral da Polícia, Diogo Inácio de Pina Manique.

Juiz do crime no Bairro do Castelo, perseguiu com zeloso rigor o contrabando que se fazia activamente pelo porto de Lisboa. O Marquês de Pombal, nos seus planos de levantamento económico da Nação e de protecção industrial, deu pelo funcionário que reprimia o contrabando, tanto maior quanto mais rigoroso o protecçionismo. E nomeou-o *Superintendente Geral dos Contrabandos e Descaminhos*, depois *Contador da Fazenda*, comulação lógica de funções.

O autor anónimo da *Historia d'El-Rei D. João Sexto* («em que se referem os principaes actos, e ocorrencias do seu governo; bem como algumas particularidades da sua vida privada vertida do Francez pelo Traductor da Cartilha do Bom Cidadão»), (1) chamou-lhe «magistrado ignorante, mas sobretudo activo», e diz que «foi empregado pelo Marquez de Pombal em dar caça aos contrabandistas, o que desempenhou excelentemente, assim como outras taes diligencias, que depois o habilitaram para alcançar o cargo de intendente geral da policia». (p. 32)

Pina Manique, já então *Desembargador dos Agravos da Casa da*

(1) «Lisboa, Tipographia Patriotica de C. I. da Silva e Comp.^a — Rua d'Atalaia, n.º 33.»

POLITICA

Suplicação, foi substituir o intendente da policia Manuel Gonçalves de Miranda, quando este funcionário morreu.

A sua carreira politica teve três fazes distintas: — Antes de homem de confiança de Pombal, foi juiz do crime, e manifestou habilidade, inteligencia e rigor no recrutamento militar por ocasião da guerra com a Espanha em 1762, bem como no auxilio prestado ao Principe de Lippe, reorganizador do exercito, em 1763. — Repressor do contrabando foi auxiliar do Marquês, que o escolhia para missões dificeis e ingratas, como essa do assalto da Trafaria, planeado pelo Marquês e executado por Manique, em 1777. — Após a queda de Pombal, serviu D. Maria I que o nomeou por Decreto de 18 de Junho de 1780 *Intendente Geral da Policia*, cargo que manteve na regencia do Principe D. João, até *por imposição estrangeira*, ser demittido em 14 de Março de 1803.

Acumulou a Intendencia da Policia com as funções de *Superintendente Geral dos Contrabandos*, *Contador de Fazenda*, *Desembargador da Casa da Suplicação*, que lhe permitiam grande liberdade de acção.

Não tem sido vista com sinceridade a boa-fé e actividade policial do Intendente, pelos historiadores liberaes, que correspondem com facciosismo doutrinario á única forma que o Intendente da Policia (Pina Manique ou outro) tinha para cumprir o seu dever.

Os cafés são clubes onde se pregam «*aquelas liberdades que têm adoptado os taes chamados philosophos modernos*», queixava-se ele. Na loja de capelista da Rua do Amparo, debaixo do Convento de S. Domingos, no Café dos Remolares, ao ar livre na Praça do Comercio (Terreiro do Paço), no Nicola e outros cafés, reuniam-se nacionaes e estrangeiros para discutir e propagandear noticias de França, como para fazer contrabando de guerra com ella. Os representantes diplomáticos da America do Norte, da Suécia, da Austria, protegiam e activavam o contrabando.

Os emissários do grão-mestre da Maçonaria de Orleães vinham ao continente e ás ilhas; a divisão inglesa 1797 inçou o pais de lojas e clubes masonicos. O Duque de Lafões acolhia os «iluminados» na sua quinta de Braço de Prata, onde os neófitos recebiam o seu banho lustral. A Academia Real das Sciencias era um alfobre de pedreiros-livres, a começar no Duque de Lafões e no Abade Correia da Serra, na casa do Poço-dos-Negros, onde o Duque hospedou o emigrado Broussonet, cunhado de Necker, fugido ao Terror.

O livreiro Borel vendia num ápice mais de dez mil exemplares da constituição franceza, traduzida em portuguez. Na Alfandega eram apreendidos caixotes com livros de propaganda revolucionária ou pelos menos de tendencias perturbadoras, alguns deles destinados ao Duque de Lafões.

Que cumpria fazer a um Intendente Geral da Policia, côncio da sua missão? O que Pina Manique fez. Perseguir os propagandistas, apreender os livros perigosos, vigiar os indesejáveis, reprimir os jacobinos, abafando-lhes os entusiasmos revolucionários, evitar em Portugal os crimes e horrores da Revolução.

Os vencidos conspiravam contra o Intendente, cá dentro e lá fóra, a

conspiração da calúnia e da impotencia, arma parece que manejada por todos os emigrados politicos em todos os tempos e latitudes.

«Nunca em monarchia alguma se viu pois um tão odioso despotismo, exercido impunemente, durante tantos anos, por um empregado subalterno!» — exclamava o autor anónimo da já citada *Historia d'El-Rei D. João Sexto* (p. 36)

A policia moderna em todos os paises justifica esta accção de Pina Manique. E, se demorou a evolução do liberalismo em Portugal, cortando-lhe cerce as azas, te-lo-hiatracassado sem a entrada de Napoleão no taboleiro politico, para consolidar a Revolução. Repare-se que foi ele que pessoalmente abateu o Intendente; o General Lannes, embaixador francês em Lisboa, pediu a demissão de Pina Maniquem 1801; e, a exigência de Napoleão, por causa de Antoine Mathon de Curnieu, protegido de Lannes, foi demittido finalmente em 1803.

Pina Manique foi então o reagente do nacionalismo português contra as ideias dissolventes, propaladas pelas lojas maçonicas, que ele destruiu. E a prova mais perfeita de ser ele quem estava no campo do interesse português dá-a cinco anos depois, pela invasão francesa de Junot (Novembro de 1807) a saudação que as lojas maçonicas levaram a Santarem ao invasor da Pátria)

«E' preciso considerar isto, para se não ser muito injusto com as personagens dessa época», recomenda Antonio Sérgio no seu *Bosquejo da Historia de Portugal* (1) (p. 54).

Por vezes se teria excedido, mas desculpa-o sempre o melindre da situação. Um homem, que defende á custa de si próprio a integridade espiritual da sua Nação e cumpre o seu dever através de tudo, -- e Manique até o cumpria contra a côrte que a ele faltava, — pode humanamente enganar-se, mas nunca erra.

Organizando a policia de Lisboa, onde havia tremendos combates nocturnos, e a todas as esquinas se conspirava contra a segurança nacional, o Intendente disciplinou a cidade, europeizando-a, e incubou a conspiração, perseguindo os agentes e assaltando-lhes as *Tocas*, com os seus quadrilheiros activos, espertos e leais.

Mas, se como Intendente cumpriu, foi muito mais longe nas outras atribuições, que lhe competiam. E' que, diz ainda Antonio Sergio, o único dos htisoriógrafos e criticos modernos, alem de Antonio Sardinha, que se honram, sendo justos para Pina Manique: «revelou-se espirito criador, progressivo, no policiamento e iluminação de Lisboa, na fundação da Casa Pia» (id.) 53. Outro artigo o provará.

Luis CHAVES

a f a m i l i a

ORGANISMO natural que tem por fim dar continuidade á especie —a Família— é a celula primaria da sociedade' com o testemunho da biologia e da historia.

Ela, alem da sua finalidade de «laboratorio da vida», tem atributos de ordem social que a completam e lhe dão personalidade por direito próprio. A preparação das novas gerações, o encaminhá-las até as integrar na vida como elementos capazes de actuar, são as missões que duma maneira geral lhe compete, e das quais fica sendo responsável perante Deus e os homens.

O Cristianismo instituindo o matrimonio como sacramento, reveste a Família dum caracter divino, em que a união do homem e da mulher se compara á união de Jesus Cristo e da Igreja.

E' aos ensinamentos da Igreja que devemos ir buscar as bases do primeiro órgão social, porque pela sua natureza, não pode ser encarado fora da ideia religiosa, á sombra da qual se formou.

O altissimo papel que tem á desempenhar, no seio das sociedades levou a Família a submeter-se a um conjunto de disciplinas morais, afim do seu funcionamento não ser prejudicado pelas circunstancias dos tempos.

Assim, o matrimonio é *indissoluel* para que, pela perpetuidade, a sua obra encontre plena realização dos seus fins, que devem ser alcançados num meio sempre unificado e isento das oscilações a que os homens estão sujeitos quando uma regra superior lhes falta. E' na necessidade de tornar a Família estavel que encontramos a condenação cabal do divorcio, um dos maiores perigos que ameaçam as sociedades submetidas ás legislações individualistas saídas do *Contracto* de Rousseau e da Declaração dos Direitos do Homem.

Desde que, por uma perfeita formação catolica, os esposos se compenetrem dos deveres da sua sagrada missão, o divorcio é coisa tanto mais inutil quanto é certo que todas as questiunculãs caseiras nunca darão aso a um rompimento, mórmente quando os filhos são atingidos, porque na maioria dos casos o proprio amor dos pais é o meio mais eficaz de evitar uma separação, mesmo tratando-se de fortes desentendimentos que devem ser aplanados pelas transigencias de ambas as partes.

Sem duvida que essas transigencias muitas vezes representam sacrificios, mas não serão eles bem empregados quando se joga a vida, o futuro e a alegria dos seres cuja protecção nos foi confiada e de que temos de dar contas a Deus e á Patria ?

Ha quem pretenda justificar o divorcio, alegando que, em muitos casos é o unico recurso para remediar, pela separação, certas incompatibilidades da vida conjugal; mas esses ao argumentarem assim, esquecem-se desta grande verdade: que o bem particular deve ser sacrificado ao bem comum, e que o divorcio generalizado, redundaria como redundando, num mal social.

Tornado legal o divorcio, dá motivo, a que frequentes vezes, pequenas discordias sirvam de pretexto á sua efectivação, levando-nos a concluir como A. Comte que «a facilidade de o fazer, provoca-o». Pelos seus efeitos ele faz cessar, quando em geral ainda é necessaria, a acção do meio ambiente familiar sobre os filhos, sendo condenavel não só pela falha que provoca no trabalho educacional, mas tambem pelo pessimo exemplo que representa, nomeadamente quando se dá naquela altura em que os filhos são o espelho dos pais.

Os resultados abominaveis deste metodo de solucionar questões, provam-no as estatisticas de coeficientes assustadoramente grandes, que demonstram não ser pelo abrandar da disciplina que se consegue resolver os problemas sociais como, para vergonha sua querem os modernos legisladores.

A indissolubilidade matrimonial ainda é a melhor garantia de paz entre os conjuges.

Mas para se conseguir o cumprimento das determinantes do estado, não basta que os laços de união entre o homem e a mulher sejam perpetuos e indestructiveis, é tambem indispensavel a presenca dum poder que presida aos destinos da Familia e com o qual, pela atmosfera de respeito que está rodeado, ela possa, munida de autoridade, atender á direcção dos seres a criar. E' o patrio poder ou a intervenção dos pais no acto de conduzir os filhos. /a

E' claro que o homem por sua natureza está revestido duma autoridade que lhe dá a categoria de Chefe e Cabeça do Lar. A sua constituição organica de mais forte, estabelece-lhe obrigações e direitos que lhe concedem o privilegio de ser obedecido, respeitado e amado pela mulher e pelos filhos, sem contudo nunca cair em tiranias que traíriam o verdadeiro sentido da sua missão de proteger, sustentar, educar e tambem amar aqueles que lhe estão sujeitos. 2/3

O homem deve vêr na mulher a companheira fiel e leal—a sua cooperadora —que no decorrer da vida lhe servirá de ajuda e de estimulo, que o consolará nas suas tristezas, encarando de animo forte, como compete a uma bõa cristã, as atribulações de que a existencia está cheia; que nos momentos de alegria será feliz na felicidade do marido, e que por fim, este, deverá vêr nela o anjo do Lar, onde pela sua suavidade impera e se impõe á veneração e respeito dos seus.

E' no desempenho da missão de Mãe que a mulher mais se nobilita, quer pela vida de sacrificios, quer pelos encargos e responsabilidades a que, apesar d'algumas alegrias, ela está sujeita pelo seu natural condicionalismo.

Criando os filhos do seu proprio sangue até aos primeiros passos, a

Mãe, quando estes entram na idade da compreensão, tem o dever de lhe ir preparando, com sãos conselhos e bons exemplos, o caracter ainda embrionário e pronto a evoluir, para quando chegar á altura da formação intellectual, eles estejam aptos a receber os conhecimentos humanos, mas armados para as ciladas com que esses mesmos conhecimentos costumam surpreender os que andam desprecauidos. Depois de criadora ela é educadora. A sua responsabilidade está contida nos resultados destas atribuições.

Firmada a estabilidade da Familia pelo matrimonio indissolúvel^o mantido o equilibrio e o respeito pelo patrio poder, resta-nos apresentar o elemento dinamico, o elemento inspirador que une e anima todas as partes constitutivas do orgão, impelindo-o para as suas finalidades: o amor.

Bondade masculina no homem, bondade caridosa na mulher, bondade respeitadora nos filhos, eis os sentimentos que devem ser prenes e activos na vida conlugal e paternal. Como Jesus ama a Igreja, o homem ama a mulher; como a Igreja ama os fieis, os pais amam os filhos.

É a logiea perfeita das doutrinas do catolicismo que busca em cada principio teologico a razão de ser de todos os fenomenos da nossa vida.

Para que a Familia forme uma engrenagem bem ordenada é preciso que o matrimonio seja indissolúvel, que os pais estejam revestidos de autoridade e que, acima de tudo, o amor una num feixe harmonico, pai, mãe e filhos.

* * *

Encontramos na Familia duas especies de funções: uma de ordem biologica—função reproductora, outra de ordem sociologica—função educadora. Sempre que ela se afasta destes seus fins, pratica um mal e uma imoralidade.

Sem aquelas facultades reproductoras, que acima reconhecemos como uma das suas principais funções, a Familia torna-se meio de passatempo lascivos e deixa de convergir para o seu verdadeiro objectivo, estagnando na sua improductividade, como coisa inutil. Temos então um dos mais graves defeitos das sociedades contemporaneas—o neo-maltusianismo—que tão grandes desgastes tem produzido nas populações, provocando uma tremenda crise de natalidade, prenuncio de decadencia do povo em que grassar esta epidemia moral. O mais abominavel é o facto de se querer defender, baseando-se ora na sciencia, ora nas necessidades sociais, este duplo crime, duplo por ser um assassinato e um autentico roubo. Assassinato porque implicá impimento de vida, roubo porque, praticando-o, tira-se almas a Deus e homens á sociedade.

Entre nós foi este assunto maravilhosamente tratado pelo notavel drama urgo snr. A. Cortès em a sua peça *Oiro*, infelizmente pouco conhecida e pouco apreciada por não estar ao alcance da mediocridade do nosso publico.

Com ela o autor quiz provar, que por maiores que sejam as razões, mesmo tratando-se de casos patologicos, o homem não tem o direito de intercéter o caminho normal da natureza na gestação de novas vidas. O neo-maltusianismo é como o divorcio, uma das causas de degradação da Familia, que se deve combater energeticamente para que não venha a suce-

der entre nós, o que aconteceu em França, onde a densidade de população sentiu uma tão sensível baixa, que o proprio governo assustado, teve de instituir, para as familias mais prolfieras, premios avultados e inumeras vantagens.

Crescer e multiplicar é a determinação Divina que impulsiona o renovar constante da humanidade, por intermedio da Familia na sua função reproductora. Reproduzir é, alem do dever, a maior ambição do homem que não quer que seja coisa vã, a sua passagem efemera pela vida.

O papel social da Familia está indicado na sua função educadora. Ao desempenha-la, para que a moldagem do caracter das crianças esteja conforme com os respectivos temperamentos, ela deve esforçar-se por adquirir um conhecimento completo das tendencias atavicas—más ou boas—que se manifestam no desabrochar da intelligencia, para que assim usando de cuidados especiais e duma atenção consecutiva no desenvolver da consciencia, possa incitar e engrandecer os atavismos bons, fazendo que, pela propria lucta interior, estes anulem as influencias das inclinações perigosas. Por este metodo, o individuo em formação habitua-se a ser o dominador de si mesmo, acostuma-se a conviver com a consciencia e mais tarde, pelo exercicio continuo da vontade, habilita-se a triunfar com mais facilidade na vida.

Ora os pais, pelo facto de o serem, é que melhor que ninguem podem perceber e adivinhar os sentimentos e as predilecções dos filhos quando estão nas primeiras idades. Daí o reconhecermos neles aptidões naturais de educadores, indo contra os reformadores extremistas por pretenderem suprimir a Familia e tornarem os filhos pertensa do estado, indigitado sucessor da instituição. Pondo de parte a já reconhecida necessidade dum meio carinhoso e amavel e analisando só o que se refere ás atribuições educadoras, constatamos que os organismos destinados á preparação inicial das crianças, desde o momento que não seja a Familia, estão sempre condenados a falhar pelas dificuldades que têm em estudar os movimentos intrinsecos das almas pueris, quando estas apresentam, como neste sistema anti-natural, as mais variegadas inclinação e proveniencias hereditarias,

O artista que idealiza e concebe determinada obra, começa por molda-la nos seus traços gerais.

Depois com amor e paciência vai aperfeiçoando-a, em todos os seus detalhes, até a fazer surgir tal qual a imaginara o seu pensamento, incutindo-lhe o cunho da sua arte. Sucede com os pais o mesmo que com o artista, e é no amor logico do autor á sua obra que buscamos a melhor defeza das qualidades inatas da Familia na sua função educadora.

A sciencia demonstra que existe um principio organico em todos os fenomenos universais. A humanidade na sua estrutura não foge a esse principio, sendo comparada a um tecido formado por fibras e células. As fibras constituem as diversas raças, e as celulas são os pequenos nucleos reproductores que mantêm o renovar constante da vida sobre a terra. O homem isolado, tornado base do edificio social, daria a este a

POLITICA

consistencia dum monticulo de areia, solto, desagregado, sujeito á dispersao, movel e sem forma.

A' face da sciencia e da historia, á face das suas proprias funções, a Familia é a celula primária da sociedade, em prejuizo das teorias utópicas do individualismo.

Unidos pelo matrimónio, o homem e a mulher serão, conforme a velha divisa cristã: *Cor uno et anima una.*

Franz-Paul LANGHANS.

aguas turvas...

Um colaborador do «Diario de Noticias» informava recentemente os seus leitores na secção *Aguas Correntes* de que «Leon Daudet pede, quasi diariamente, a guilhotina, com o acompanhamento filarmónico dos mais espantosos insultos para Poincaré, Briand, Caillaux, Malvy, etc., etc.»

Ora, a verdade é bem diferente. E, por isso mesmo, não deixarei passar a referida informação sem o devido correctivo, para que os leitores das «Aguas Correntes», assinadas por Y Grego, não vejam erradamente no ardoroso polemista um novo Fouquier Tinville do século XX...

Léon Daudet nunca pediu a guilhotina para os seus inimigos politicos, e até porque, sendo um reaccionário impenitente, lhe repugnaria decerto recorrer ao emprego desse aparelho de invenção revolucionária...

E' manifesta a sua repugnancia pelo macabro instrumento dos *Libertadores* de 89, e aludindo á Revolução Francesa, já lhe chamou «l'encartement des Droits de l'Homme par la lunette de la guilotine» (*Courrier des Pays-Bas* vol. III, pag. 244), definição que é, para nós, curioso aproximar desta outra de Camilo Castelo Branco, que chamava ás doutrinas revolucionárias «as doutrinas da regeneração social pela guilhotina» («Amôr de Perdição, 1.^a ed. pag. 14).

Está pois em erro o *tolerante* colaborador do «Diario de Noticias» O que Léon Daudet por mais de uma vez tem pedido é coisa diversa do que supõe, ou lhe disseram as más linguas democráticas. O que ele já tem pedido é o *poteau de Vincennes*, como costuma dizer, ou antes, a applicação da lei francesa do fusilamento, para os traidores declarados á sua pátria. Assim é que está certo.

Y Grego, o colaborador do «Diario de Noticias», vê-se-hia *grego* a valer, se lhe exigissem um texto de Daudet em que o grande jornalista pedisse a guilhotina para alguém, ou a pena de morte para Poincaré, o que viria nesse caso a transformar as suas *Aguas Correntes* em verdadeiras *Aguas turvas*...

Sirvam ao menos estas linhas para convencer o cronista do «Noticias» de que é sempre perigoso falar *de ouvido*...

Fernando CAMPOS.

da hereditariedade

Tão admirável e completo é o sistema politico que da Franc-Maçonaria Judaica a Europa recebeu na data triste de 1789, que depois de assegurar aos homens o gozo tranquillo dos imortais principios, Liberdade, Igualdade e Fraternidade, quiz tambem graças á sapiente instituição do voto, fazer participar todos os mortais nas glórias do mando e nos segredos do governo.

— Prometia, com effeito, ser madrugada feliz de nova era, o agornizar do século setecentos! —

Os homens até ai escravos da prepotencia real, trabalhando de sol a sol para o senhor poderoso favorecido da sorte, comprando muito caro o pão do seu sustento, ingressavam numa ordem social nova aonde a Sciencia lhes proporcionava delicioso viver, fazendo-os livres, iguais e fraternalmente amigos.

Não mais senhores; não mais escravos: todos mandariam para que ninguém obedecesse!

E a ingenuidade humana, longe de reparar em tão brutal contração, confiava nas promessas revolucionárias, fazendo actos de fé sobre os dogmas ridiculos mas criminosos da liberdade humana e do sufrágio universal. Todos votando escolheriam os chefes, e estes governariam em nome daqueles que os elegessem.

Era o governo da Liberdade, o governo da Competencia, a substituição do acaso pela escolha sensata e consciente.

Anos se volveram apóz a fatidica proclamação dos direitos do homem e a Europa afogada em sangue viu uma a uma, a braços com a anarquia, as diversas pátrias rompendo com os seus moldes tradicionais, substituirem o poder hereditário e tradicional dos Reis, pela escolha fácil ao arbitrio das multidões ignorantes. Nos altares da Liberdade imolaram-se as melhores vitimas, multidões inteiras foram sacrificadas aos mitos da Igualdade e da Fraternidade, destruiu-se o melhor do que de bom havia nos costumes, nas instituições e no governo, corrompeu-se o povo, adextraram se assassinos e legalizou-se o crime, mas a felicidade prometida pelos alviçareiros da revolução, ainda não chegou e praza a Deus que nunca chegue, porque razões de sobejo temos para acreditar que ela seja qualquer coisa de muito parecido com o regime de crime e de infamia, que martiriza os pobres russos nossos contemporâneos.

Muitas desgraças nos trouxe o regime do voto e gravíssimas senão irremediáveis seriam as consequências de novamente o termos por sistema politico.

Necessário é portanto fixar ideas, neste momento em que os campos se extremam, e em que todos se preparam para a luta grande, talvez decisiva, da Ordem contra a desordem, da Luz contra as trevas.

Não precisamos de folhear a história, de buscar exemplos, para comprehendermos a suprema razão de ser da transmissão hereditária do poder, muito antiga, coeva do tempo dos patriarcas primitivos

Não se defende a hereditariedade como principio de selecção. defende-se como unica solução do problema da continuidade do povo, como garantia certa da prosperidade e integridade de um povo.

A cerebrina teoria de que os governantes devem ser os homens mais inteligentes e cultos, perde dia a dia adeptos nos dominios da sciencia, do estudo e da opinião ante os nenhuns beneficios que para as nações advieram de terem sábios presidentes da república.

A eleição do melhor é o concurso, é a rivalidade, é a luta, é a divisão do intellectualismo nacional em partidos que mutuamente se degladiam, esquecendo os seus deveres para com a pátria e recusando por intrigas e melindres cooperar com o seu valor para a sua prosperidade e engrandecimento.

Na transmissão hereditária não há rivalidades, não há partidos, não há lutas: o Rei é Rei por vontade de Deus e por destino da história, herda de seu pai o passado de um paiz, de que elle é o presente e seus filhos serão o futuro. Independente de coacções e de favores eleiçãoeiros no supremo desejo de bem servir a nação nele simbolizada, o Rei chamará para junto de si os homens bons, sábios e intelligentes, podendo substitui-los por outros mais competentes sem arrostar com melindres, porque numa monarquia todos vêem na autoridade do Rei, o interesse da nação. E com razão o fazem, porque identificando-se o interesse da nação, com o interesse do Rei, este se esmerará por bem governar senão pelo amor á nação que seus avós formaram, governaram e engrandeceram, ao menos pelo motivo egoista da felicidade própria e da da sua descendencia.

Os governantes eleitos poucas ou nenhuma preocupações teem com a felicidade da nação e por muito dignos e conscienciosos que sejam, estando no governo de passagem, nunca poderão servir o paiz com a solicitude de um principe que nasceu para mandar e que há-de mandar até morrer, confundindo as suas glorias e triunfos com os triunfos e glorias do povo que governa.

O Rei poderá, é certo, não ter as qualidades necessárias para o bom desempenho da difficil missão a que o nascimento o destina, mas nem assim, se perderão as vantagens que nos levam a defender a hereditariedade, porque tal como sucede na propriedade que pelo parentesco se transmite, muito fáceis são de estabelecer as normas porque se regule e se supra a incapacidade do herdeiro: — exista ou

- não exista a competencia do Rei, seja ou não seja necessário recorrer á regencia ou á substituição, jámais, numa monarquia hereditária a transmissão do poder dará azo a partidos, a melindres e a lutas. (1)

Mas nem por aqui ficam as excelencias da hereditariedade.

A transmissão do poder de pais a filhos não é só a melhor forma, a forma historico-cientifica de dar continuidade ao mando e de escolher quem bem governe, é tambem e com desassombro o podemos edevemos dizer, o sistema de designar a autoridade mais nacionalista que existe.

A eleição é sujeita ás coacções e ao subórno. O ouro tudo pode. Paga votos e elege presidentes, e sendo na maioria dos casos estrangeiro põe em perigo a integridade da nação independente, porque muito é de recear que o eleito a peso de ouro faça politica des-nacionalizadora a favor daqueles á custa de quem foi feita a sua eleição. E muito maior é este perigo, quando considerarmos as pessoas a quem nas democracias compete a formação das leis, pessoas cujas eleições dependentes do voto são tambem sujeitas á influencia do ouro: bastava uma lei na apparencia inofensiva, autorizando a estrangeiros naturalizados o exercicio do cargo de presidente da republica para amanhã, vermos um russo, um hespanhol, ou um inglês, na suprema magistratura da nação!

O rosário de traições e de crimes de leza-pátria que constitue a história das diferentes republicas parlamentares é prova evidente de que não exagero. De resto, não é preciso retroceder muito em tempo para encontrar nas proezas de Herriot e de Caillaux o exemplo flagrante do patriotismo e da probidade dos estadistas eleitos.

A forma mais nacionalista é consequentemente a unica forma natural do governo da nação. Realidade no tempo e obra d'ele, a nação necessita de um governo que para o tempo seja feito.

E porque a eleição é o governo do momento, só a Monarquia hereditária corresponde á natureza da nação.

O Rei é o presente, mas representa em si o passado e o futuro.

O Rei não é um individuo isolado que a vontade do presente c'locasse no poder — é o elo de uma cadeira continua, que no passado e no futuro se identifica com a nação.

Numa monarquia hereditária, não existe apenas um Rei, existe uma dinastia. Não é propriamente a autoridade de um homem, mas sim a autoridade de uma familia.

Sendo familias e não individuos, os elementos constitutivos de uma nação, o governo hereditário é de entre todos o mais lógico, porque é o unico que fugindo ás concepções individuais do mando, coloca no poder uma familia.

(1) As lutas e discórdias que a história nos aponta como originadas na successão dos Reis, tiveram por exclusiva causa, a inobservancia do principio hereditário.

Ao contrário do que succede nas Monarquias, aonde as lutas implicam desrespeito á lei, na república o facto da eleição é a origem e a causa de todas as dissensões.

Sob o ponto de vista politico a Monarquia hereditária é o unico sistema de governar que nos dá as garantias suficientes de bom governo. De facto, constituindo o respeito ~~adadalederobiet~~ ^{individuais e} colectivas, a condição primeira da felicidade e do progresso de um povo, e sendo o bem comum o fim exclusivo, o unico fim legitimo de todo o poder, de forma alguma poderíamos esperar bom governo da parte de governantes que dependentes da vontade dos governados se vêem na triste necessidade de oprimir e de centralizar. O governo da republica nascido da opinião tem como principal preocupação o desejo e a necessidade de a dominar porque dela depende a sua existencia e a sua conservação. Por isso dispõe das influencias e dos cargos publicos não no interesse da nação, mas no interesse particular do seu partido, porque o governo da republica é sempre um governo de partido.

das libe
dades
individuais

A republica é o governo da centralização, enquanto a Monarquia hereditária é o unico governo que pode descentralizar.

Da Monarquia hereditária á república democrática, vai toda a diferença que distingue um governo de morte de um governo de vida, porque a descentralização é o unico meio de garantir o respeito das legítimas liberdades, direitos, interesses e iniciativas que constituem o natural viver de um povo e portanto condições necessárias da sua vida e progresso.

O poder forte, continuo e independente, imprescindível ao bom governo e ao reapetodas liberdades individuais, colectivas, locais e profissionais não pode ser outro senão o hereditário, o unico que pode condicionar a existencia, a vida e o desenvolvimento das provincias, municipios, corporações e sindicatos, porque superior ás opiniões e aos votos não precisa de oprimir para se conservar.

Uma outra garantia de bom governo, é a responsabilidade de quem governa. Na republica o mandato presidencialista, o rotativismo ministerial e a balburdia parlamentar impedem o apuramento de responsabilidades não só pelo curto espaço de tempo porque se exerce a autoridade mas tambem porque devido á complicação inerente ao governo das democracias se torna muito difficil, senão impossivel a investigação e a determinação da culpa.

Na Monarquia o poder é responsavel, o Rei responde pelo que mal haja feito, e a nação encontra na responsabilidade do Rei mais uma garantia de bom governo. E' conveniente aqui recordar que compartilhando o Rei a autoridade com os organismos naturais da nação, o poder central da monarquia é incomparavelmente menor do que o poder central da republica, sendo assim muito limitado o arbitrio do Rei, que a responsabilidade e o interesse próprio caucionam.

Uma outra e primacial vantagem do regime hereditário é a educação do Rei. (2) O Rei nasce para reinar e aos sentimentos de fami-

(2) O grande escritor americano Hitchcock Sherril no seu livro "The purple or the red" tece um grande elogio, á benéfica influencia que a educação de um Rei tem no bom governo de uma nação.

lia une a educação e a formação completa para o officio que ha-de exercer, sendo portanto preferivel a qualquer homem de governo mercenário que de politico tem o modo de vida, mas não a educação e o sentimento.

Nas relações estrangeiras a Monarquia hereditária é a certeza de uma boa politica internacional. A diplomacia é a sciencia do segredo e portanto só existe quando este exista tambem.

Transmitido de pais a filhos atravez de séculos, o pensamento politico de uma familia real, segredo não revelado a terceiros possivelmente traidores, é um triunfo certo para a nação por ela governada. A aliança com a Inglaterra que ainda ha um século nos salvou contra os franceses, o difficil reatar das nossas relações exteriores apoz 1640, o lugar preponderante que Portugal occupou na politica europeia, durante o feliz reinado do Senhor D. João V, são obra exclusiva da diplomacia real, como obra da diplomacia real seria tambem o famoso anel do Atlantico, sonho do Senhor D. Carlos I, o grande Rei assassinado, menos vítima das balas assassinas do que das ideas criminosas da geração e do tempo.

— Natural, lógico e scientifico, aconselhado na pratica pela experiencia de muitos séculos de história, o sistema hereditário é o governo que melhor condiciona e melhor garante a felicidade de um povo. —

Não quero de forma nenhuma dizer que ela seja um governo perfeito. Onde está o homem está a imperfeição e na Monarquia como na republica pode haver máus governantes. Quero apenas dizer que o sistema monárquico hereditário é o menos imperfeito, porque tem a seu favor todas as vantagens que acabo de enumerar.

Antonio Maria do Amaral PYRRAIT

LETRAS

Notas para um IDEARIUM PORTUCUEZ

por

FIDELINO DE FIGUEIREDO

ESTAS notas para um Idearium Português que o Snr. Dr. Fidelino de Figueiredo deu á estampa, convencidissimo de que melhor que ele ninguem soube interpretar os vários problemas que actualmente preocupam a escassa meia dúzia de intellectuais portugueses, empenhados no seu complexo estudo, estas notas, diziamos, não significam nada, mesmo nada, além do público testernunho da desorientação do autor.

Uma pessoa como o Snr. Dr. Fidelino de Figueiredo, que, em outras obras, nos dera já seguras mostras das suas possibilidades, tinha obrigação de ter um pouco mais de pudor intellectual e não vir ludibriar o público que, atraído pelo titulo, caiu no lóbro de o lêr, procurando em vão as verdadeiras notas para um idearium.

Aquilo que o Snr. Dr. Fidelino escreveu é uma mystificação.

Não é ao menos o elementar cuidado da coerência, da simples lógica, evitando contradições!!... Nem isso o livro tem.

As contradições, são tam evidentes, tam claras, que nos dispensamos de aqui as apontar, certos de que até o mais desprevenido leitor dará por elas.

Depois, aquella insuficiência critica, aquella estreiteza de ideas, aquella falta de coragem para apontar uma solução concreta aos problemas abordados, tudo isso faz do livro uma obra de fancaria, puro latão que se esconde sob o ouropele do titulo.

Notámos em todo o livro, subtilmente disseminado, um *calão* humanistico, que logo supuzemos o Snr. Dr. Fidelino em profunda evolução. Não sabemos porquê, acudiu-nos logo a história do mano João que tinha evolucionado durante a noite. Colocámo-nos, no entanto, na dúvida metódica do filósofo e fomos observando... Aquella maneira infeliz como D. Sebastião é de novo trazido ao pretório, classificando o seu heroísmo de «vesânico» e de «loucura monoideica», classificação de resto nada original, foi-nos dispondo para assistirmos á evolução. E de facto, no capitulo intitulado «apontamentos para um auto-retrato» o Snr. Dr. Fidelino faz o seu exame de consciência em materia politica e bate no peito, cheio de arrependimento.

Não está só nessa attitude; o Snr. Dr. Fidelino abona-se com bom fiador, Saint-Beuve.

Ele começa a história de S. Ex.*:

«Como ás leituras se sobrepôs a lição dos sucessos observados, a minha educação histórica e o meu respeito religioso do individuo — a unica positiva realidade da vida, que resiste á critica scéptica e á prudência agnóstica,— foram-me conduzindo a um tradicionalismo politico e ecclesiastico, poetisado como tudo que foi e se confinou no mundo das recordações e saudades».

As leituras e a lição dos sucessos, porém, não deram ao tradicionalismo politico e ecclesiastico do Snr. Dr. Fidelino aquele caracter de firmeza das conclusões matemáticas. Não, aquilo era só para experimentar, pois «no fundo era como uma estratégia de combatente, que, alvejando sempre o mesmo fito, ora se cose com as paredes, ora se oculta num recanto, depois se arrasta por um sulco de terreno, logo corre ao assalto e em seguida se detem num socalco». De todas estas posições estratégicas, S. Ex.* alvejava um alvo e «o alvo era o mesmo: a tirania sobre a alma individual, com seu cortejo de intolerâncias, incultura, injustiça, paixões e ódios por solidariedade.»

Depois, e mais abaixo, o Snr. Dr. Fidelino, á maneira de Saint-Beuve, conta-nos

mais completamente a sua historia: «Partindo dum anarquismo juvenil e romântico, logo republicanismos idealista, atravez dum tradicionalismo estético, moderador da fúria jacobina, coosteeu um monarquismo inviavel, com a vetusta aliança do trono e do altar, *mais en fausant mes réserves et sans y adhérer*. E que ignotas paragens demandava o «caminheiro»?!!... «Verdade, verdade, tudo isto era um tactear lento, contraditório, mas nunca hesitante, nem calculado, sempre decidido, porque a resultante mesmo com êsses desvios e paragens, era a recta direcção para a boa ordem da vida interior, para um conceito de Deus, mais vivido que idealado...»

Aqui está o drama espiritual do Sr. Dr. Fidelino, a sua evolução permanente, o seu eterno buscar da «boa ordem interior» e o «anseio laborioso do escultor da própria alma!»... Onde irá parar S. Ex.? Já tem tam pouco aonde?!!...

Quem sabe se, sempre insatisfeito, poderá, ao menos, dizer como o poeta :

Na mão de Deus, na sua mão direita...:

Em matéria politica S. Ex.ª já pouco tem para andar!... No entanto, a coragem faltou-lhe para dizer abertamente onde vai acolher-se. Não é difícil advinhar, mas tinha mais nobreza a confissão pública.

Certamente, já por influencia da evolução, S. Ex.ª, um tanto pudorado ainda, de-satou a dizer do integralismo coisas diabólicas.

E' de notar que o Sr. Dr. Fidelino nem uma só vez se refere directamente ao integralismo, preferindo maneiras indirectas como estas: nacionalismo, saudosismo passadista, passadismo, ideas em moda, regresso ao século XVIII, etc, etc...

Ora, este facto tem a sua explicação.

Poucos dias após o movimento de 28 de Maio, appareceu a venda um opúsculo da autoria do Sr. Dr. Fidelino de Figueiredo, intitulado «O pensamento politico do Exercito», no qual S. Ex.ª procurava não só justificar a intervenção oportuna da força armada no governo da Nação, mas ainda propôr as directrizes da politica de salvação nacional que a Ditadura devia realizar.

Neste pequeno e curioso trabalho, miraculosamente desaparecido do mercado, tem o Sr. Dr. Fidelino algumas palavras de apreço pelo integralismo. Assim a paginas 25 deste trabalho, lê-se: «O integralismo tornou consciente a vaga attitude mental des ser monárquico; fez do anti-republicanismo toda uma filosofia social, uma organica com grande coerência e beleza architectónica, tam-suggestiva que mais dum adversario tem dele recolhido beneficos influxos». E logo a paginas 27, volta a escrever: «Ao separatismo ha que opôr a organização. E isso só o viu o integralismo, que com seua doutrina esotérica e sem tolerância atractiva, é o único pensamento politico, verdadeiramente constructivo, que Portugal ostenta.» Mais adiante, a paginas 40, procurando quais os recursos politicos que a Ditadura devia aproveitar, escreve: «Sendo assim que recursos tem a ditadura na vida portugueza para aproveitar? Apenas a lição magnifica de Sidonio, o poder pessoal, directamente intervencionista do saudoso presidente, o seu cavalheirismo e o seu espirito executivo; e a doutrina organica da extrema direita monarchica, isto é presidencialismo e integralismo». Evidentemente, depois de ter escrito o que para aqui transcrevemos, o Sr. Dr. Fidelino bem viu que não podia vir já agredir directamente o integralismo, chamando péssimo aquilo que aconselhara como um remédio excelente.

Vejamos, no entanto, quais os pontos fracos do integralismo que S. Ex.ª pretende alvejar em tantos dos capitulos deste livro. Nota-se muitas vezes que o Sr. Dr. Fidelino tem a preocupação de nos convencer, de convencer toda a gente, de que em historia não se regressa. Mas... inteiramente de accordo. Claro, em historia não se regressa. Tambem o conselheiro Acácio o disse já e por isso, descanse o Sr. Dr. Fidelino nós não trocaremos do luxuoso e comodo automovel pela ronqueira mala-posta — em historia não se regressa. O que se pretende dizer, quando se fala no regresso à estrutura tradicional da Nação, é apenas que, falida a democracia em tantos anos de regabofe, só a restauração daqueles principios de ordem e disciplina, patentes em toda a historia nacional, podem integrar-nos na nossa directriz historica. No lento perpassar dos séculos, a nação foi-se arrumando naturalmente até ganhar todo o seu equilibrio, conservando e desenvolvendo as instituições que lhe convinham e destruindo aquelas que eram ou se tornaram nocivas. Tudo se fez naturalmente, isto é, segundo uma lei natural que preside à formação e desenvolvimento das sociedades, revestindo as modalidades próprias de cada povo. Claro, este trabalho não foi precedido de justificação teóri-

ca, mas foi apenas o produto do próprio instinto de conservação, tão patente nas sociedades como nos indivíduos. Como essas instituições eram boas, perduraram e fizeram-se velhas. Não são boas por serem velhas, mas são velhas por serem boas. O homem é e será fundamentalmente o mesmo e aqui está porque defendemos aquilo que de eterno a própria grei gerou.

A obra não é de regresso, mas de restauração, de actualização e que o integralismo tem actualidade até o Sr. Dr. Fidelino o confessa. Ouçamos S. Ex.^a sem reparar na contradição: «Mas a sua cura (de Portugal) depende mais da renúncia a esses sebastianismos de regresso ao proximo passado—partidos gastos, pessoas gastas, homens de capacidades enquadradas em hostes já sem combate e de estratégia arcaica, farisaismos, clientelas devoristas—e ao longinquo passado, nostalgias estéticas fora da realidade. O que de bom se contem nesse passadismo é precisa característica do século: fortalecimento do poder central e a organização da nação local e corporacionistas». E' curiosa a maneira de dizer de S. Ex.^a: «o que de bom se contem nesse passadismo !...»

Mas é todo o passadismo, é todo o integralismo, o resto meras consequências lógicas desses pressupostas. Fala ainda o Sr. Dr. Fidelino no regresso ao século XVII, quando se quer referir ao integralismo. A pachouchada, porém, é de tal quilate que nem os inimigos mais empenhados em combater o integralismo se servem desse argumento.

Batem-se com outras armas, mas essa, tal fragilidade lhe encontram que não se atrevem a usá-la. Francamente, nós que tantas vezes temos ouvido falar o Sr. Dr. Fidelino na sua cultura histórica, ficámos um pouco atordoados com o disparate. Se fossemos teósofos iríamos jurar que Calino reincarnara !...

Enfim, sempre perdoariamos ao Sr. Dr. Fidelino todos estes deslizes, se S. Ex.^a apontasse corajosamente a solução do problema politico português, a revolução o maior e mais complicado problema nacional. Mas não, S. Ex.^a contenta-se com algumas frases obscuras, atiradas de propósito para que o leitor fique sabendo que não é integralista. E' pouco, mas S. Ex.^a não dá mais.

Diz S. Ex.^a a páginas 72 do livro a que nos estamos referindo, onde os problemas portugueses lhe merecem a indicação sumária duma solução, estas palavras, visando particularmente o problema politico: «O seu desprovincializar-se lhe proporá a formula da legalidade nova, liberta das adherências impuras de falsas ideias em moda». Dão-se alviçaras a quem conseguir mostrar-nos a formula da legalidade nova que Portugal advirá, pela sua desprovincialização.

Pois se as provincias estão mortas, tendo-as substituído, em certa medida, os distritos, para que falar em deprovincialização? Isso fê-lo a república, mas com tal desvantagem para os povos, que estes começam a reagir com os seus congressos regionais. Não é mais feliz o Sr. Dr. Fidelino quando a pagina 205 pretende indicar uma solução politica para além da Ditadura.

Diz S. Ex.^a: «Mais avisado será, pois, dar por finda de vez a missão desses passados, o proximo e o longinquo, o seculo XIX e o mundo anterior á revolução, esquecer todos os equívocos de capricho e obstinação que nos dividiram e abrir os olhos á realidade para marchar ávante».

Marchar ávante, marchar ávante!

Mas por onde e para onde? S. Ex.^a não o diz.

De positivo sabe-se que não quer voltar nem ao proximo nem ao longinquo passado, mas marchar ávante. Pois marche, marche, Sr. Dr. Fidelino, que nem por isso os destinos de Portugal se modificarão.

Abrantes TAVARES

ao ritmo da Ampulheta

HOMENAGEM DOS ESTUDANTES CATOLICOS PORTUGUESES AO SR. CARDEAL PATRIARCA

Não pretendo fazer um relato do que foi essa grandiosa manifestação. Todos os jornais com as suas reportagens, lhes deram a importância que merecia, trazendo pormenorizadas descrições.

Seria de mais vir aqui repetir o que já se tem escrito sobre o assunto, limito-me pois a dizer o que me parece sobre o alto significado duma tão grande manifestação de fé.

O caloroso preito de homenagem, prestado pela academia portuguesa, a Sua Eminencia o Sr. Cardinal Patriarca de Lisboa, foi sobremodo significativa. Não seria um entusiasmo passageiro, alvorçado, baseado em nada, ou quasi nada, frequente nos ânimos novos, que conseguiria reunir ali centenas de rapazes, a fazerem ecoar num fremente protesto de fé: Viva Sua Eminencia o Senhoi Cardinal Patriarca! Viva o Mestre insigne!... Mas, tantas almas reunidas numa só pela mesma crença, pela mesma sede de Verdade, pelo mesmo desejo de publicamente afirmarem a sua fé e a sua sujeição ao Chefe escolhido de Deus, não podia ser o fruto de um entusiasmo de ocasião, mas, sim, algo de maior, de mais nobre, e até de mais imperioso.

Era a voz do sangue... Do sangue português que quer continuar a sê-lo.

Sim, quem desconhece que o povo português é profundamente religioso, e se o não fôra faltaria a uma das suas mais sagradas tradições?!

A' sombra da cruz, insigne distintivo do cristão, consolidou-se o trôno de Portugal; á sombra da cruz lutou-se contra os iníteis que tentaram devastar o nosso território.

A' sombra da cruz, tôças embarcações sulcaram «*mares nunca d'antes navegados*», levando o conhecimento da religião de verdade ás terras onde era desconhecida. E cada uma dessas embarca-

ções, pelos nomes sugestivos que lhe davam eram uma autentica profissão de fé: Bom Jesus, Senhora dos Navegantes, Consoladora dos aflitos...

Haverá quem, relembando êstes demonstrativos nomes, não sinta palpar no mais intimo do coração um orgulho justo de pertencer a essa raça de grandes que, guiados pela luz da fé, foram transpôndo os mares tenebrosos? Ah! Eles eram grandes na fé, sustentava-os essa força incompreendida de muitos, essa força poderosa que transforma os fracos seres mortais em forças vivas e imorredoiras.

«A fé — diz S. Paulo — é capaz de transportar montanhas».

E' essa força latente no coração de cada filho desta raça de predestinados, é essa força que quer reviver com todo o vigor neste solo regado com o sangue dos cristãos que defenderam o torrão natal das invasões dos infieis.

E' Portugal a ressurgir...

E foi êste Portugal encarnado naquelas centenas de novos que, na manifestação ao Senhor Cardeal Patriarca, souberam afirmar a sua fé, foi êste Portugal grande que, pela bôca dos novos, vetu anunciar-nos o dia da ressurreição. Almas novas, varonis e fortes, ávidas de verdade e de vida sã, agrupam-se em torno daquele que o Senhor lhes deu para guia. Ninguém como o Senhor conhece as necessidades presentes e futuras da nossa Patria; ninguém como o Senhor conhece as excelsas qualidades que devem ornar o coração e a inteligencia do destinado a o representar no Mundo, e porque o Senhor Deus Omnisciente vela pela sua Igreja e supre as suas necessidades, por isso Ele nos enviou o Sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira, vulto Eminentissimo em saber, em bondade, em talento e em virtudes; a sua figura ficará para sempre gravada, tanto na memória como no coração de todos os que o conheceram de perto e sentiram nêlo o verdadeiro Mestre e amigo, e os que não tiveram a felicidade de o conhecer sentem-se subjuga-

a o ritmo da

UMA CALUNIA

Num manifesto largamente distribuído em Lisboa, Porto e Coimbra, verberámos o procedimento do Sr. Artur Portela que, numa entrevista com Lerroux, não soubera haver se como lhe mandava o seu nome de portugueses.

O hespanhol, na referida entrevista, propunha-nos a abolição das fronteiras, proposta que ao Sr. Portela não mereceu censura, mas antes aplauso, pois para Lerroux nós mandou olhar como se fosse o futuro.

Apanhado em flagrante delicto, o Sr. Portela veio declarar que Lerroux falara apenas nas fronteiras alfandegárias e nunca nas fronteiras políticas. Fosse como fosse, a atitude do Sr. Portela continua a merecer a nossa reprovação.

Nem voltaríamos a falar neste assunto, se não fossemos os excessos jacobinos de certos defensores extemporâneos do jornalista do «Diário de Lisboa».

Volvido já bastante tempo, Carmen Marques resolve aparecer em defesa do Sr. Portela e desata a acusar-nos, a nós integralistas de, com António Sardinha à frente, defendermos a união ibérica. Não disse a espezteira saloia de Carmem Marques onde foi colher tam preciosa infor-

mas por aquêl poder de atracção de que são dotados os que melhor trataram em si as perfeições de Jesus Cristo.

Teve, pois, um duplo significado esta recente manifestação académica: submissão ao Chefe, admiração e affecto pelo Mestre insigne.

Nosso Senhor abençoará, pois, aquella multidão de novos, cheios de boa vontade para bem empregarem as suas energias no serviço da causa de Deus e far-lhe-há vêr com o perpassar do tempo quão digno de todas as homenagens e protestos de submissão é o nosso Eminentíssimo Prelado.

José V. P. Quirino da Fonseca

mação. Não disse nem o pode dizer nunca.

Toda a gente sabe, menos a virago arrogante, que em 1915, quando a nossa desordem interna reacendeu em Espanha o sonho iberista, o integralismo promoveu na Liga Naval uma série de conferencias, reunidas depois no volume «A Questão Ibérica», que são a primeira tentativa honesta de dar ao nosso nacionalismo uma consciéncia própria, fóra das razões estreitas do acaso histórico.

Carmen Marques, porém, não conhece este livro nem dêle teve noticia e no entanto vem acusar-nos. E' o sujo processo demagógico da calúnia... E nós a pensarmos que o processo era jesuitico!...

Felizmente que, pela folha onde saiu e pela sua autora, tudo nos garante uma proveniencia de republicanismo quimicamente puro...

Na «Aliança Peninsular» Sardinha, levado num grande sonho, visionou uma aliança com a Espanha que, para além do Atlantico, estendesse os braços ás repúblicas sul-americanas, pátrias que o génio peninsular semeou. Sardinha visionou uma aliança pura e simples e não uma federação. Isto é o que toda a gente pode verificar numa simples leitura. Carmen Marques nunca leu o livro e não obstante vem acusar Sardinha de iberista. Que falta de pudor intellectual, que falta de...

Confunda-nos se pôde, apontando o livro ou escrito onde Sardinha ou o integralismo tenham defendido a união ibérica!... Vá, senhora, é uma questão de dignidade!... Oxalá, as circunstâncias nos não forcem a ir mais além. Não é esse o nosso desejo, mas se nos obrigarem não hesitaremos. Por demais a conhecemos nós...

P. S. — Ao brilhante diário «A Voz» e ao seu ilustre director, a quem a «Politica» deve já tantas atenções, em especial transcrições de artigos nossos, agradecemos o facto de espontaneamente repellar a miserável calúnia com que Carmen Marques pretendeu atingir-nos.

Ampulheta

MORTE DE PRIMO DE RIVERA

Faleceu em Paris Primo de Rivera, ex ditador de Espanha...

Faleceu enquanto os políticos patenteavam á Europa do Século XX o seu espantoso desconhecimento dos problemas nacionais.

A Espanha—não a Espanha descerebrada dos Unanimes e do «esquerdistas sem sensibilidade histórica» mas a Espanha eterna como povo que tem um logar marcado na Civilização teve a desdita de ver substituído o seu braço forte de Ditador pelas opiniões primitivas, grotescas dos anedoteiros dos mentideros de Alcalá e pelas arqueológicas ideologias dos seus pitorescos intelectuais — políticos.

A Providência que vela pelo Mundo — a cima dos charcos em que as rãs coaxam — pode ser que salve a Espanha.

E a Historia, á luz duma consciencia espanhola mais bem formada, então fará justiça áquele que durante 7 anos a livro dos livres assaltas da Demagogia.

O seu funeral em Madrid consistiu como que num primeiro despertar da gratidão nacional. E' do conhecimento dos povos que um profeta nunca é apreciado na sua Terra e se o vem a ser é já... depois de morto.

SOB O PODER DE STALINE.

A ferocidade dos bolchevistas volta a dar que falar. Os insucessos da revolução chinesa e o completo logro da greve geral inglesa, com o afastamento dos Trade Union, poz em cheque a campanha de insurreição organizada e mantida por Moscovo, para levar a todas as partes do globo o bacilo destruidor da Internacional e abrandou a corrente impetuosa da furia sovietica.

Por vezes chegaram a ficar quasi mansos, numa pacatez toda burguesa, o que provocou uma forte reacção por parte dos velhos bolchevistas chefiados pelo imminente camarada Trotsky, formando o bloco oposicionista em cuja plataforma se exigia pura e simplesmente o estado de revolu-

NO BOM CAMINHO

Conferências: — promovidas pelo «Circulo Nacionalista de Estudos» realizaram-se no Porto conferencias dos srs. Drs. Hipolito Reposo, Rolão Preto e Luis de Almeida Braga.

Estas conferencias constituiram verdadeiros triunfos para a Causa, pelo entusiasmo.

Lidas no Amplo Salão do Teatro Apolo, Terrase, escutadas por muitas centenas de pessoas o entusiasmo provocado, bem evidente em vibrantes manifestações de reacção (Vivas á Pátria e Abaixo á Maçonaria) foi mais um testemunho da pureza de ideais dos portugueses do Norte e do seu Amor, já tantas vezes demonstrado á dupla verdade católica e monárquica da nossa tradição.

Verdadeiras lições de Moral Nacionalista sobre pelpitantissimos assuntos muito com ela aproveitou a consciencia monárquica dos novos camaradas de entre Douro e Minho. Foram portanto jornadas da Victoria, motivo de alegria para todos nós.

ção permanente com o seu respectivo alar tramento complementar sobre todos os outros paises.

Os membros do Politburó e o proprio congresso do P. C. mais reflectuosos e portanto oportunistas, poseram fortes entraves á plataforma da opposição, mas... fosse porque vissem chegado o momento de agir, ou fosse pelo engrossamento do bloco oposicionista, o que é verdade é que no fim do ano de 1929 e principios de 1930 a fogueira reacendeu-se... dois terços da tal plataformazinha foram adoptados pelo inclito e honrado governo da maravilhosa Russia Proletaria, cujas consequencias já se fiseram sentir lindamente desde o rapto do general Koutiepoft até á anulação dos Koulaks, desde a interna campanha antireligiosa e econoclastra e até aos tumultos da Indo-china e aos motins operarios na Alemanha. Emfim sob o poder de Staline anda o espirito satânico de Trotsky

a o r i t m o d a

acrobatas, bailarinas, Mas o mais sensacional de tudo é no fim: a sensacional exibição do sr. Roberto das Neves, aluno do Laboratório da Vida, nu, em pêlo. O sr. Roberto das Neves, aluno do Laboratório da Vida, é uma estampa. Plástica irrepreensível Musculatura de aço. Agilidade de quem costuma voar no Pégaso. Não tem mesmo nada que se lhe diga de mau. O sr. Robertinho—assim nu, nusiinho em pêlo—lembra mesmo um anjinho do céu...

E o espectáculo termina entusiasticamente, com vivas ao nudismo, ao Robertinho, á «Seara Nova», á D. Maçonaria—que se dignou assistir—e á Liga da Mocidade Republicana...

O SUSTO OU UNAMUNO

E O CÃO

Unamuno assustou-se. Unamuno teve medo do cão. E Unamuno fugiu. E Unamuno caiu. E Unamuno partiu as mãos...

Por causa do infausto acontecimento foi adiada em Espanha a proclamação da Republica. Respiramos. Ao menos por uns tempos é adiada a *união ibérica*.

P. S.—Na Federação Académica da Universidade de Lisboa, informam-nos que se vai propor numa das proximas sessões um voto de pesar, pelo desastre de que foi vítima Unamuno. Achamos bem.

ASTRONOMIA

Registou-se o aparecimento dum novo planeta—o Globo—esferoide de minima grandeza cujas características são as seguintes: Como planera não tem luz propria, recebe-a da estrela que domina o seu sistema e que nos meios da especialidade é conhecida pelo simbolo de V. R. G. S. vulgarmente denominada Astro Ver melho.

Para não fugir á regra do seu agrupamento, apresenta grandes manchas rubras e reflecte a luz marxista que emana do Astro—rei de que é satélite. Aparece

periodicamente para *deslumbramento* do Universo.

A titulo de curiosidade apresentamos aos nossos leitores esta nova especie astronomica, mas como sucede com todos os corpos de *geração espontanea*... está condemnado a desaparecer na poeira cosmica das Inutilidades.

A' SOMBRA DA BANANEIRA...

Não obstante serem tão poucos, os homensinhos já arranjaram jornalinho: chama-se *Liberdade*, é a sucursal academica do *Povo* e sai aos sabados, para sêrao domingo, na cama, de manhã, enquanto se toma o almoço pequeno...

E' claro que logo de entrada o orgão dos babos e mais dos banas e bananoides (isto sem discutir se elles existem ou não, como dizia um ilustre articulista do *Povo*, aqui ha dias) arremete conosco. Uma linda saida, de rez pura de toureiro. Declaram os babos mais os banas e bananoides, que nós gostamos de nós. A grande novidade! Isso já sabiamos, que nem pintados nos podiam vêr...

E' o odio dos fracos, qe e tanto se nos dá como se nosdeu. E' o odio de quem está a pedir *óleo de ba calhau* paa as suas ideias...

De resto, confessam os homensinhos que tem vergonha e nojo de si proprios. Que querem então que a gente lhes faça!

Ora os homensinhos, tambem com o seu jornalinho! Não ha que vêr! Em Portugal, tudo brinca aos jornais. Até os babos mais os banas e toda a casta de bananas...

Tudo tem «Liberdade» de asneiar á farta...

JORNAIS:

Riga 21 — Segundo noticias de Moscow, na conferencia comunista, ali realizada, foi declarado que se trabalha activamente dentro das directrises da III Internacional.

Ampulheta

O SR. CASIMIRO

Não conhecemos o Sr. Augusto Casimiro nem com êle queremos nada, porque em nada nos interessa. Se hoje nos ocupamos dêle, pecado de que vamos penitenciar-nos, é porque nos irrita o tom doutoral com que, de quando em vez, dá á turba a honra das suas atenções, nas colunas empoladas do «Diário de Notícias».

Lê-se a prosa do Sr. Casimiro, relê-se, torna-se a lêr, e a respeito de ideas zero.

As vezes retorce esta lingua clara e maviosa de Camões, atirando os termos uns contra os outros numa grande batalha de syntaxe (o Sr. Casimiro andou na guerra) só para que o suponha tam profundo que nem a todos é dado o prazer beatifico de o entenderem.

Outras vezes, quando a prosa é acessível, as ideas, quasi larvas ao sol do meio dia, guardiam as profundezas do genial intellecto do escritor.

Eterna angústia a dêste cidadão, que, em pleno seculo XX, não logra maneira de transmitir aos outros o que, vergado sobre si mesmo, as suas faculdades racionantes operosamente conseguem arrancar ao seu cosmos interior!...

FIGURAS MITOLOGICAS

Quando os estudantes universitarios católicos saíam do Patriarado, alguns alunos dos liceus (uma meia duzia) junta-mente com poucos populares tiveram a infeliz lembrança de levantar um debil *abaixo a reacção* a que responderam logo vibrantes *abaixo a maçonaria*, que abafaram por completo a voz de liceais e populares. São mais *republicanos do que monarchicos, mais democratas do que católicos, os estudantes de Lisboa*— diziam outro dia n' *O Povo* as vinte e duas gentis (supondo que sejam gentis) primaveiras do sr. Joaquim Serra, illustre desconhecido. Mas onde estão, desconhecido sr. Serra, os vossos republicanos, os vos-

sos democratas? Onde estão, que não aparecem? Mas onde estão? Onde?...

Ao passo que na Sé compareciam mais de quinhentos estudantes e compartilhavam da comunhão pascal trezentos e sessenta, no Alto de S. João, na homenagem ao *republicano* Antonio José de Almeida apenas aparecia uma escassa centena, e quanto valia, no-lo demonstram os *vivas* e *morras* que soltou: *Vivas á maçonaria* (ainda vermelha do sangue de Morais Sarmento) *abaixos á padralhada, morras a Nossa Senhora de Fatima*...

Nem estudantes deviam ser. Deviam ser antes carroceiros a soldo da maçonaria. As caras que os cobriam tresandavam a cavalariça— a Grémio Lusitano.

E eram apenas uma escassa centean São tão poucos! Tão poucochinhos! ..

NA BARRACA DOS FANTOCHES

Alguns meninos -- dêsses que andam sempre a brincar aos espanhois -- tiveram um dia mêdo da reacção, fantasma que lhes tira o sono e lhes faz perder o appetite. E vai dai, *ajuntaram-se*, discutiram, berraram.

Do berreiro saiu a Liga da Mocidade Republicana. *Mons varturiens*...

E nós á espera uerna revolução pelo menos!

Em todo o caso, felicitamos meninos e empregários pelo exito da sua ideia. E felicitamo-nos tambem — pelo muito que vamos rir.

Aquilo vai fazer uma séria concorrência ao Coliseu!

Já lá fomos de longada uma vez. Aquilo vale a pena ser visto.

Logo á porta, de monoculo e ar terribil, está a sibiritica «Seara Nova»

Depois, entra-se na barraca—velhinha, sujinha, mas perfumada. O *Houbigant* da «Seara Nova» chega até lá dentro...

«Seara Nova» ser pessoa fina! Sér pessoa que se perfuma!

Quanto ao espectáculo, magnifico. Numeros variadissimos. Palhaços — gêbos, e tortos — á maneira do sr. Raul Brandão,

Integralismo

Uma bela jornada integralista A posse das Juntas do Porto

Realizou-se, no Porto, no passado dia 11 de dezembro, uma reunião largamente concorrida para a posse das juntas provincial do Douro, municipal e escolar do Porto do Integralismo Lusitano. Presidiu o ilustre advogado e distinto orador sr. Dr. Luis de Almeida Braga, que representou a Junta Central. O sr. Dr. Almeida Braga, depois de ler os nomes das pessoas que honram as referidas juntas, fez o elogio dessas pessoas, salientando as suas qualidades de intelligencia e a dedicação e espirito de disciplina integralista que sempre distinguio aqueles nossos dedicados amigos. Referiu-se á acção desenvolvida pela Junta Central nos ultimos anos, e pôs em foco, com grandes aplausos, as qualidades admiraveis que distinguem o sr. D. Duarte. Declarou-se absolutamente convencido de que uma nova era de grande actividade se está iniciando no Integralismo, como prova esta importante reunião a que vem assistir com grande entusiasmo e fé.

Falou, a seguir, o sr. Dr. Mario Cardia, que começou por saudar a Junta Central do Integralismo. Depois de fazer varias referencias ás numerosas tentativas, levadas a efeito nos ultimos anos, por elementos nacionalistas, concluiu que, depois de todos os fracassos e de todas as desilusões só a Junta Central mantem intrego o seu prestigio eos homens que a constituem ainda representam hoje, da mesma forma que há dez, há nove, há oito anos, as melhores esperanças da redenção nacional. Com grandes aplausos, o sr. Dr. Mario Cardia afirma que a união de todos aqueles que defendem as nossas ideias só pode ser feita á volta da Junta Central, e desse principe admiravel, cujas magnificas qualidades elle teve a honra de verificar há cerca dum ano, no encontro de Pau.

Entre outros oradores, devemos ainda salientar o discurso, vibrante de entusiasmo e de fé nacionalista, do ilustre escritor sr. Eugenio de Belenor, que, com as suas entusiasticas afirmações de esperanza no futuro de Portugal, pelo Integralismo, provocou, no numerozo e distinto auditorio, uma grande emoção, pelo brilho e pela sinceridade com que foram proferidas estas palavras.

O sr. Dr. Simeão Pinto de Mesquita, que é um dos primeiros oradores do Integralismo do Porto, foi saudado pelos srs. Dr. Luiz de Almeida Braga e Dr. Mario Cardia. Estas justas afirmações feitas áquele distinto advogado dele provocaram um intemerato discurso, declarando o sr. Dr. Simeão Pinto de Mesquita, que só pequenos pontos de detalhe o tinham separado da Junta Central, mas que estava pronto e com todo o seu esforço, nesta nossa fase, para o que ateria tão prometedora de grandes realizações, Integralismo Lusitano.

No fim da reunião, que deixou, em todos que a ela tiveram a ale-

L u s i t a n o

JUNTA ESCOLAR DE LISBOA

NOTA OFICIOSA

Comunicamos a todos os nossos camaradas e amigos que esta Junta na sua ultima reunião resolveu:

a) Nomear para o corpo da Redacção da Política os camaradas Du-tra Faria (F. L.) e Mascarenhas e Silva (F. D.) e para a administração o camarada Medeiros Galvão (F. D.).

b) Demittir a seu pedido de editor da Política o camarada Alves Lopes e nomear para o mesmo cargo o camarada Souza Rêgo.

c) Lembrar aos estudantes integralistas de Lisboa que lhes é defeso fazer parte de quaisquer formações politicas extranhas ao Integralismo Lusitano ou não autorisadas pela Junta Central.

d) Congratular-se com os camaradas Francisco Galvão, Quirino da Fonseca, e Amarel Pyrrait pelo brilho que revestiu a justissima homenagem dos estudantes católicos portugueses a (S. E. o Cardial Patriarca de Lisboa.

gria de assistir, a mais gratas recordações, o sr. Dr. Luiz de Almeida Braga voltou a falar, salientando o facto de vêr, neste simples acto de posse das nossas juntas integralistas, muitas pessoas virem propositadamente de longe do Porto, mostrando assim que o Integralismo apresenta um magnifico vigor, que o ha-de levar ao triumpho definitivo.

Entre a numerosa assistencia, apontamos os seguintes nomes: Dr. Luiz de Almeida Braga, D. Fernando Tavares e Tavora, Dr. Simeão Pinto de Mesquita, Dr. J. Vaz Pinto, Dr. Antonio Lopes de Fonseca, D. José Ferrão, Dr. Madio Cardia, Claudio Correia de Oliveira Guimarães, Emanuel Luselo da Rocha Brito, Alfredo de Oliveira (Vila Feira), D. João Alves do Vale (Valongo), Antonio Correia de Oliveira Guimarães, Padre Anibal Bastos (Lamego), Mauuel Alves de Oliveiræ (Guimarães), Dr. Antonio Guimarães, engenheiro Augusto Brito, Manuel Barreto, Jose Francisco da Silva, Damião Ferreira de Castro, Alberto Pinto Saraiva, José Moreira Lopes, Eugenio Belenor (Baião), Eduardo Cerqueira, David Moreira, Alberto Pinto de Melo, Jose Amorim da Costa, Arnaldo Alegre de Magalhães, Armando Garcia de Lima, Antonio Baptista, Jose Joaquim Ribeiro Maia (Lamego), Eduardo Navarro de Crespo, etc., etc.

No n.º 9 da "Política,, comunicámos a todos os nossos amigos a constituição das juntas do Porto cuja posse hoje noticiamos.

N R.

Integralismo Lusitano

Tenente Moraes Sarmto

O tenente Alfredo de Moraes Sarmto não era nosso camarada; mas era nosso irmão neste mesmo sonho enorme que domina e enche a nossa mocidade: a Restauração de Portugal.

Bravo e leal entre os mais bravos e os mais leais, a sua bravura e a sua lealdade faziam-no um simbolo das mais belas e nobres virtudes da Raça.

A morte surpreendeu-o uma noite... lá longe, nas terras portuguesas de além-mar, onde o seu sonho mais alto se librava.

E o batuque caíreal com que a anti-nação festejou mais uma victoria, mais acendeu em nós o desprezo pela crapula que nos avilta e o desejo indomável da Vitoria da Nação.

À missa que a Junta Escolar mandou rezar pelo eterno descanso do heroi, assistiram entre outras pessoas os Srs:

Dr. Hipolito Raposo, Dr. José Pequito Rebelo, Dr. Afonso Lucas, Dr. Sarmto Brandão, Dr. Luiz Chaves, Dr. Alfredo Cortez, Dr. João Ameal, Dr. José d'Arrentella, Visconde de Santarem, Visconde de Baçar, Dr. Vasco de Mendonça Alves, Delfim Maia, Manuel Figueira Freire da Camara, Augusto Pereira de Melo, Roque Gonçalves Torres, Costa Felix, Lopo e Alberto da Camara, Francisco de Deus Sequeira, D. José de Menezes Margaride, João Margaride, Francisco Margaride, Hermano Margaride, Luiz Margaride, Alvaro de Carvalho Nunes, Manuel Boavida Rey, P.^o D. Netto, Alberto de Cabedo (Zambujal), Francisco d'Albuquerque (Mangualde), D. Manuel de Castro, Alvaro dos Reis Torjal, tenente Antonio Metello, Francisco Alto Mearim, Sebastião Calheiros, Manuel Rodrigues, Leal, José Centeno astanho, Valentino de Sá, Fernão d'Ornellas, Antonio do Amaral Pyrrait, Alberto de Noronha da Camara, D. Emilio da Gama Lobo d'Eça, Armando Castelo-Branco, José Farinha Pereira, Francisco da Cunha Leão, Dutra Faria, Alvaro Concha Morgado, Alexandre Mont' Alverne, Carlos Almeida Coelho, Antonio Alves Simões, Bernardino dos Santos Mendonça, Luiz Soares, Cando dos Santos, Antonio Pina Faya, José Figueira Freire, Eduardo d'Almeida Leitão, Francisco Xavier Avillez, Fructuoso Ferreira e Brito, Antonio Alves, José Afonso da Silva, Carlos de Souza Rego, Manuel de Tavora, Manuel Ricardo Guerreiro, Augusto Campos, Flavio Moura, Antonio Baptista, Francisco M. Galvão, Manuel Gomes, Antonio Serodio, Antonio Fonseca dos Santos, Francisco dos Santos Silva, Albino Teixeira da Costa, Franz Langhans, Mario Corte Real, João Nunes da Silva, Simão Lopes Gonçalves, João Gomes dos Santos Soares, Eduardo Botelho de Gusmão, Armando de Sacadura Falcão, Alexandre d'Almeida Fernandes, Antonio Faria de Pina Cabral, Francisco dos Santos, Antonio Santos Abreu, José d'Oliveira Mascarenhas, Augusto Ferreira Marreco, Antonio da Costa, Nicolau Monteiro, Agostinho de Jesus, Luiz Moitinho d'Almeida, Fausto da Costa Rito, Augusto do Souto Gonçalves, Alvaro Busquete de Sousa Rego, Armando Lopes, Acurcio Rodrigues, José Filipe, Mario Cruz Manuel Gavicho de Lacerda, Frederico Correia, Julio Faria, João Sá, Marcia, de Moura, Leonel Teixeira de Aguiar, Franciseo Godinho Victorino, Merio Vieira, Manuel Serra, etc. etc.

Fizeram-se representar as Juntas Central, Provincial da Extremadura e Municipal de Lisboa do Integralismo e a redacção da «Politica».

CABRAL SACADURA

Interno de Cirurgia dos Hospitais Civis
Patos — Sifillis

CONSULTAS — Largo José Fontana, 12-2.º

Às 16 HORAS

Dr. Mario Gardia

Médico dos Hospitais

Doenças das senhoras. Partos. Cirurgia

Tratamentos pelo rádio e electricidade

AVENIDA DOS ALIADOS, 41, 1.º — PORTO

TELEF. 4907

MIRA DA SILVA

Médico

AV. ALMIRANTE REIS, 57-A, 1.º

Lisboa

DR. COSTA FELIX

Interno de Cirurgia dos Hospitais Civis

Consultas

LISBOA: Rua 16 de Outubro, 33 — Tel. C. 2670

Às 14 H.

DAFUNDO: E. Paulo Duque

Às 17,30 H.

Não ha **CAFÉ** como o de

**A
P
A
U
L
I
S
T
A
N
A**

A' venda no

Largo de S. Domingos, 12
e na Av. Fontes Pereira
de Melo, 52-52^B

(A abrir brevemente)

AFONSO LUCAS

Advogado

Rua Arco do Bandeira, 70, 2.º

TELEFONE C. 642

Lisboa

MARTINHO NOBRE DE MELLO

Advogado

Rua de Santa Justa, 82, 2.º

Telefone Norte 4952

Lisboa

A. Nunes e Silva

Advogado

TEL. C. 642

RUA ARCO DO BANDEIRA, 70, 2.º

Lisboa

Dr. Amaral Pyrrait

MÉDICO

CONSULTORIO: Rua Anchieta

Lisboa

Arthur de Campos Figueira

Advogado

RUA NOVA DE ALMADA, 54, 2.º

Telef. C. 3024

LISBOA

Antonio J. Freire

CLINICA MÉDICA-PSICOTERAPIA

CONSULTORIO: Rua de S.^{ta} Justa, 6, 1.º

As 2.^{as}, 4.^{as} e 6.^{as} — Das 15 ás 18 h.

TELEFONE TRINDADE 3584

RESIDENCIA: Rua da Junqueira, 279, 1.º

TELEF. BELEM 497 — LISBOA

Fernando Ferreira Cardoso

Advogado

Praça Luz de Camões, 22-2.º-D

Telf. T. 415

José Guilherme Ayala Monteiro

ADVOGADO

Rua dos Douradores 72-3.º D.

Telefone C. 959

AVOZADO
Rua Avdo de Bonfante, 70, 2.
Lisboa

MARTINHO NORDE DE MELLO
Advogado
Rua de Santa Justa, 82, 2.
Lisboa

A. Nunes e Silva
Advogado
TEL. C. 642
Rua Arco do Bispo, 70, 2.
Lisboa

MEDICO
Lisboa

Compas Figueira
Lisboa

Antonio J. Xavier
Lisboa

Fernando Feteira Cardoso
Advogado
Lisboa

Jose Guilherme Ayala
Monteiro
Lisboa

CABRAL MANTAVIA
Lisboa

Dr. Neryto Garcia
Lisboa

MIRA DA SILVA
Lisboa

DR. COSTA
Lisboa

Não ha CAZE
Lisboa

PAULISTA
Lisboa

A venda no
Lisboa

Lisboa

